

Teoria do Apego na Velhice: Revisão Integrativa de Literatura

Jéssica Caroline dos Santos¹ , Cesar Batista Alves²  e Bruno Leonel Mendes de Abreu³ 

Centro Universitário UniBrasil, Curitiba-PR, Brasil

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo-SP, Brasil

Residencial Santa Cruz, São Paulo-SP, Brasil

Resumo: O presente estudo objetivou analisar e descrever pesquisas que abordam a teoria do apego na velhice. O método utilizado foi uma revisão integrativa de literatura, com os seguintes descritores: *attachment and later life; or older life; or ageing; attachment relationships*, a pesquisa consultou bases de dados como: Bireme, EBSCO, AgeLine, Medline, APA Psycnet, resultando em 10 artigos dos últimos 05 anos e outros acrescentados para fundamentação teórica. Os resultados apontaram para os temas: padrões de apego infantil e as repercussões na velhice; apego e estilos de cuidado; apego ao território de moradia; apego e religião; apego e prevenção de saúde. Por meio dos estudos foi possível concluir a importância do estilo de apego seguro como fator de proteção psicológica, principalmente em relação às perdas que decorrem desta etapa da vida. Por fim, o tema necessita de estudos longitudinais, empíricos para compreender o comportamento do apego ao longo da vida.

Palavras-chave: apego ao objeto, envelhecimento, vínculo, revisão

Attachment Theory in Old Age: Integrative Literature Review

Abstract: The present study aimed to analyze and describe researches that address the attachment theory in old age. The method used was an integrative literature review, with the following descriptors: *attachment and later life; or older life; or aging; attachment relationships*, the research consulted databases such as: Bireme, EBSCO, AgeLine, Medline, APA Psycnet, resulting in 10 articles from the last 05 years and others added for theoretical foundation. The results pointed to the following themes: patterns of child attachment and the repercussions on old age; attachment and care styles; attachment to the home territory; attachment and religion; addiction and health prevention. Through the studies, it was possible to conclude the importance of the secure attachment style as a psychological protection factor, mainly in relation to the losses that result from this stage of life. Finally, the topic needs longitudinal, empirical studies to understand the behavior of attachment throughout life.

Keywords: object attachment, aging, bonding, review

¹ Psicóloga e professora do Centro Universitário – Unibrasil. *E-mail:* jessica.caroline@usp.br

² Psicólogo clínico. Especialista em Políticas Públicas e Socioeducação. Especializando em saúde Pública com ênfase em Saúde da Família. Atuante no terceiro setor com Políticas Públicas para idosos e políticas de proteção para crianças e adolescentes em conflito com a lei ou sob medida de proteção. *E-mail:* cesar2010.79@hotmail.com

³ Psicólogo clínico e neuropsicólogo. Coordenador do Serviço de Psicologia no Residencial Santa Cruz. Especialista em Neuropsicologia e Saúde Mental (HCFMUSP/IPq) e em Adolescência para Equipe Multidisciplinar (UNIFESP). Especializando em Psicologia Clínica Hospitalar (HCFMUSP/Incor). *E-mail:* bruno.leonel@huhsp.org.br

Submetido em: 11/09/2021. Primeira decisão editorial: 21/10/2021. Aceito em: 28/11/2021.

Considerações Iniciais

Para retratar a temática do apego na velhice é importante retornarmos à infância. Ao nascer a criança incita no outro o desenvolvimento do papel de cuidador, pois, precisa ser acolhida, alimentada, atendida em relação às suas necessidades psicológicas e fisiológicas como fome, dor, sono e higiene. A criança começa a existir na relação de cuidado estabelecida, desenvolvendo sua subjetividade e buscando um lugar de pertencimento.

Estudar os primeiros vínculos é de extrema importância para entender os comportamentos, pensamentos e reações frente às situações de frustrações e perdas que decorrem dos estágios do ciclo da vida, principalmente na velhice, onde o tema é relevante para ampliar as abordagens psicossociais, contudo, devido à escassez da literatura da teoria do apego na gerontologia nacional, justifica-se a necessidade deste estudo. Neste contexto, para abordar as ações de uma criança para manter vínculos afetivos com seus cuidadores, o presente estudo utiliza o conceito de apego do psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico Edward John Mostyn Bowlby (1907/1990).

As concepções de Bowlby surgiram em torno da segunda guerra mundial, o autor era especializado em psiquiatria infantil, coordenou um amplo estudo sobre os problemas e necessidades das crianças sem lar, aliado à sua atuação clínica ao longo dos anos, gerou a produção de inúmeros trabalhos sobre o apego (Bee, 2011).

Considera-se o apego um mecanismo básico no estabelecimento das relações de proximidade, sendo delineado, de acordo com Bowlby (1988/1989, p. 39) como qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo.

A respeito do conceito de apego, segundo Bee (2011), é uma forma de vínculo afetivo que tem como principal base o sentimento de segurança. Neste sentido, “o relacionamento da criança com a mãe é um apego, mas o relacionamento da mãe com ela não é, pois, a mãe talvez não experiencie um senso maior de segurança na presença do bebê” (Bee, 2011, p. 350).

O comportamento de apego refere-se a um importante constructo na teoria de Bowlby, atribuindo-o um conjunto de condutas inatas que favorecem as adaptações, manutenções e o estabelecimento da proximidade com uma figura provedora de cuidados, mediante a expressão de sentimentos para atender as necessidades básicas. Os exemplos descritos como comportamento de apego estão no chorar, fazer contato visual, agarrar, aconchegar e sorrir (Bowlby, 1969/1990).

Em uma segunda área da teoria do apego, Bowlby (1988/1989) vai dedicar sua atenção, quanto ao papel dos pais e cuidadores no sentido do desenvolvimento ao longo da vida, as evidências são derivadas de muitos estudos sistemáticos com vários teóricos, dos quais surgiram três modelos principais de apego. O primeiro é o apego considerado seguro. Neste estilo de apego, o indivíduo consegue sentir segurança em seus pais, principalmente na figura materna, tornando-se corajoso para explorar o mundo a sua volta.

No segundo estilo é o resistente e ansioso. Neste o indivíduo mostra incertezas quanto à disponibilidade e à possibilidade de receber ajuda por parte de seus pais ou cuidadores. Em razão dessas incertezas esse indivíduo tende a ficar grudado em sua genitora, perdendo assim a capacidade de explorar o mundo e fica temeroso e ansioso. De acordo com Bowlby (1988/1989), no terceiro estilo de apego:

Um terceiro modelo é o do apego ansioso com evitação, onde o indivíduo não tem nenhuma confiança de que quando procurar cuidado terá resposta e ajuda, mas, ao contrário, espera ser rejeitado. Quando em grau alto, o indivíduo procura viver sua vida sem amor e a ajuda de outros, tenta tornar-se emocionalmente autossuficiente e, mais tarde, talvez, seja diagnosticado como narcisista ou *false-self* do tipo descrito por Winnicott (1960). Esse modelo, onde o conflito está mais escondido, é resultado de constante rejeição por parte da mãe, sempre que o indivíduo a procura a fim de obter conforto e proteção. Os casos mais extremos são resultados de rejeições repetidas (p. 122).

As formulações teóricas do autor foram embasadas nas observações de bebês e crianças, sendo, posteriormente, aprimoradas por Ainsworth et al. (1978) através do método experimental denominado “Situação Estranha”. Esse método possibilitou a classificação qualitativa do apego, entre o cuidador e a criança, sendo as categorias organizadas em: padrão seguro, padrão ambivalente ou resistente e padrão evitativo. Consequente aos estudos de Ainsworth et al. (1978), Main e Hesse (1990) agregam à teoria um quarto padrão, nomeado como desorganizado ou desorientado.

No que se refere aos tipos de apego, Bee (2011) aponta que no padrão seguro, a criança separa-se com facilidade da mãe e logo se absorve na exploração, busca consolo e contato com a mãe quando ameaçada ou assustada. No padrão evitante, a criança evita contato com a mãe, sobretudo após um período de ausência, não resiste à tentativa, mas não busca muito contato. No ambivalente, retrata uma criança que explora pouco e desconfia de pessoas desconhecidas, sente dificuldades quando ocorre a separação com a mãe, mas não se acalma com o retorno dela. No padrão desorientado, retrata uma criança com comportamentos de apego confuso, apreensivo, contraditórios, como se aproximar da mãe enquanto evita o seu olhar (Bee, 2011).

Segundo Bowlby (1979/2001), a vinculação afetiva é o resultado do comportamento social de cada indivíduo de interação, assim, a proximidade é indispensável para manutenção dos vínculos afetivos, quando isso não acontece, estes tornam-se resistentes ao procurar uma abordagem de ligação com o outro. Para o autor, o comportamento de apego é evidente nos primeiros anos de vida, sustenta-se que o comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura.

A teoria do apego, segundo Bowlby (1979/2001), possui várias especificidades que apontam para a importância da criança de manter vínculos afetivos para o seu desenvolvimento emocional, por conseguinte, indica mudanças na adolescência, pois, nesse período ocorrem outras ligações, podendo ser substituídas, mas não abandonadas.

De acordo com Bowlby (1979/2001), além do comportamento de ligação, os comportamentos

de exploração e de cuidar, também estão presentes na vinculação afetiva, onde um indivíduo saudável alterna os comportamentos de ligação com o de exploração. O comportamento de exploração se dá pelo afastamento do indivíduo de ligação para exploração do seu ambiente. Em relação ao comportamento de cuidar é complementar ao comportamento de ligação, como é desempenhado pelos pais ou cuidadores, poderá predizer acerca do desenvolvimento emocional da criança no futuro.

Portanto, caso ocorra um trauma psicológico, como às situações de violência, negligência, fracassos na relação com seus cuidadores, poderá influenciar no desenvolvimento da personalidade da criança, dificuldade para estabelecer ou manter relacionamentos afetivos, sociais e contribuindo com o aparecimento de possíveis psicopatologias (Bee, 2011).

Entende-se que o apego seguro permite que a criança se sinta protegida dentro de uma estrutura familiar, facilita o seu crescimento e o desenvolvimento das suas habilidades de exploração do seu ambiente. A imagem materna de nutrição, cuidado, segurança permite que este indivíduo possa superar as dificuldades que o seguirão ao decorrer da vida adulta e velhice (Magai et al., 2018).

Para Magai et al. (2018), os estilos de apego permanecem relativamente estáveis na vida adulta, no entanto, podem ser alterados. Segundo os autores, os tipos de apegos mais presentes na velhice são o seguro e o evitativo, ao analisar as pesquisas que tratam esta temática, identificaram que a maior proporção de idosos evitativos foi justificada pelo maior número de perdas experimentadas, principalmente relacionada à viuvez. Outro fator encontrado é a repressão, quando os indivíduos são ignorados ou minimizados na expressão das suas emoções negativas.

Para analisar a prevalência do apego evitativo, é necessário considerar os aspectos culturais que atravessam os indivíduos idosos. Magai et al. (2018) defendem que o tipo evitativo pode estar relacionado a uma preferência pela autonomia e independência. Neste sentido, quando o velho enfrenta suas perdas, prefere manter sua autossuficiência, distanciando das suas relações mais próximas. No entanto, os

autores citados revelaram que avós com apego seguro apresentaram maior rede social, conseguem receber e fornecer ajuda em comparação aos evitativos. Além disso, as classificações mais altas de apego seguro foram associadas a uma avaliação positiva da família de origem.

Seguindo esse percurso teórico, o presente estudo visou compreender a influência do estilo de apego nos idosos. Neste sentido, a relevância social é justificada pelo aumento considerável da população idosa no mundo, necessitando estudar, problematizar e apontar intervenções que busquem atuar na qualidade de vida e bem-estar desta população, principalmente nas questões psicológicas relacionadas ao tema do apego e velhice. Para tanto, buscou-se por materiais nas bases de dados nacionais que explicassem a teoria do apego na velhice, contudo, não foram encontrados artigos escritos em português.

Desse modo, pretende-se contribuir com os dados nacionais, realizando uma análise de pesquisas em periódicos internacionais. O objetivo foi analisar e descrever estudos que retratem acerca da teoria do apego na velhice, considerando a importância dos vínculos afetivos sociais para o desenvolvimento desta população.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a respeito desse procedimento, Souza et al. (2010, p. 102) descreve que “a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. Os autores descrevem seis etapas para a elaboração deste método como: construção da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura de artigos, coleta de dados, avaliação crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Nesta perspectiva, segundo Mendes et al. (2008), a revisão integrativa permite realizar uma prática baseada em evidências, comumente utilizada nas pesquisas da Enfermagem, encorajando o desenvolvimento e/ou utilização de resultados

das pesquisas na prática clínica dos profissionais de saúde. Além do mais, para os autores, os achados possibilitam um direcionamento para as futuras pesquisas.

Para levantar os estudos publicados, foram utilizados os seguintes descritores: *attachment and later life; or older life; or ageing; attachment relationships*. As principais bases de dados consultadas foram: Bireme utilizando a Medline, EBSCO para acessar a AgeLine e a APA Psycnet, no intervalo dos anos de 2001 a 2020. Inicialmente, com o intuito de analisar as pesquisas, foi selecionado um intervalo maior dos anos de publicação, pois a Teoria do Apego apresenta a tendência de retratar aspectos da infância e adolescência com mais frequência do que na velhice.

O idioma selecionado para as pesquisas foi o inglês, uma vez que anteriormente à produção deste material já havia sido verificada a inexistência de artigos em português, motivando a realização do presente estudo.

É importante destacar que essas plataformas de artigos direcionavam para outras revistas eletrônicas focadas em gerontologia como o *Journal of Gerontology* e *Journal of Applied Gerontology*. Foram encontrados 300 artigos através dos descritores selecionados, no entanto, apenas 25 artigos abordavam o tema do apego na velhice. Os outros artigos retratavam o apego em outros contextos como na infância, abordando a relação mãe-bebê, adolescência, aspectos psicopatológicos, intervenções em contextos educacionais não retratando o apego na velhice. Entre as bases de dados havia a presença de teses, dissertações, monografias e artigos incompletos que foram descartados.

Na fase posterior, as pesquisas foram novamente analisadas, selecionando os estudos mais recentes, dos últimos 05 anos que abordavam o tema principal e respeitando o critério de saturação, ou seja, quando os conteúdos trabalhados acabam tornando-se repetitivos ou similares. Desta forma, para a construção da revisão integrativa, foram utilizados 09 artigos de 2016 a 2020; contudo, uma pesquisa de 2001 foi incluída por descrever os principais conceitos e apontar direções futuras para

as pesquisas, contribuindo com a comparação dos elementos atuais. Foram inseridos outros artigos que descreviam acerca da teoria do apego, mas que estavam fora do critério de inclusão para fortalecer a discussão teórica.

Resultados

Os artigos selecionados para a presente revisão correspondem aos anos de 2016 a 2020, o estudo teórico que apresentou os conceitos e pesquisas futuras com o intuito de comparação retratava o período de 2001. Todos os artigos foram publicados em periódicos internacionais, quatro (40%) referiam-se aos Estados Unidos da América, os outros eram de Taiwan, Singapura, Suíça, Austrália, Alemanha e uma parceria entre Inglaterra e Bélgica. No que concerne aos periódicos, sete (70%) estavam vinculados a revistas sobre o envelhecimento, com temáticas relacionadas à saúde mental, neurociência e pesquisas dentro da gerontologia. Destaca-se que duas pesquisas (20%) estavam em periódicos sobre opinião em Psicologia, relações sociais e pessoais e uma (10%) publicada numa revista sobre o apego e o desenvolvimento humano.

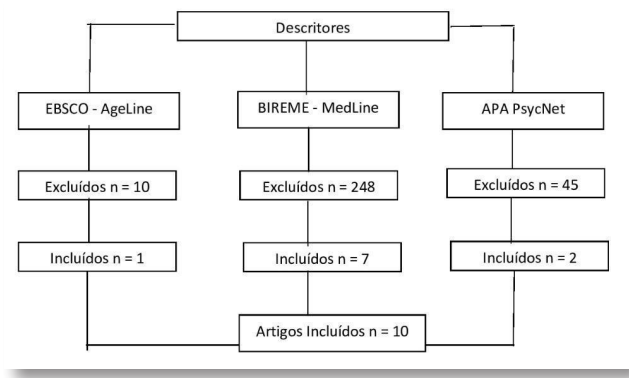
Em relação aos departamentos de atuação dos autores, evidencia-se que três (30%) são das Ciências Sociais, o departamento de Psicologia e Psiquiatria corresponderam a dois estudos (20%), a escola de desenvolvimento humano e Psicologia referem a dois (20%) e, o departamento de Enfermagem apenas um estudo (10%).

Os dados encontrados acerca do método dos estudos revelaram que seis (60%) são quantitativos, pesquisas empíricas, cujo autores, utilizaram métodos estatísticos de análise de dados e quatro (40%) qualitativos, destes, três são revisões integrativas de literatura e uma série de estudos de casos.

A análise do material foi dividida em quatro fases, conforme ponderam Lakatos e Marconi (2003): (a) apreciação crítica do material; (b) decomposição dos elementos essenciais; (c) agrupamento e classificação; (d) análise final. O exame dos artigos resultou em categorias de análise que foram sumarizados na Tabela 1 intitulada categorização das temáticas principais.

A partir do fluxograma de seleção de artigos, a análise permitiu a categorização de cinco temáticas presentes nos materiais que foram apresentadas a seguir, na Figura 1.

Figura 1
Fluxograma de busca eletrônica e seleção de estudos para esta pesquisa



A leitura dos artigos baseados no Quadro 1, a seguir, possibilitou o levantamento dos seguintes temas para a discussão: 1. Padrões de apego infantil e as repercussões na velhice; 2. Apego e estilos de cuidado; 3. Apego ao território de moradia; 4. Apego e religião 05. Apego e prevenção de saúde. A respeito do tema 01, será incluída também a perspectiva do trauma infantil e conseqüentemente sua influência no desenvolvimento dos idosos. O tema 02 abordará igualmente o papel dos cuidadores e dos relacionamentos conjugais.

Quadro 1
Categorização das Temáticas Principais continua

Título	Ano/País/ Periódico	Temática principal
Desenvolvimento psicométrico da escala de avaliação do apego local para idosos que moram em habitação comunitária	2020/ Taiwan/ <i>Journal of Applied Gerontology</i>	Apego e território
Fantasmas do passado? A associação entre trauma interpessoal na infância, apego e ansiedade e depressão na vida adulta	2019/ Inglaterra/ Bélgica <i>Aging & Mental Health</i>	Padrões de apego infantil e as repercussões na velhice.

Título	Ano/País/ Periódico	Temática principal
Apego seguro precoce como fator de proteção contra o declínio cognitivo posterior e demência	2019/ Suíça/ <i>Frontiers in Aging Neuroscience</i>	Apego e prevenção de saúde
Apego e cuidado ao idoso: uma revisão sistemática da pesquisa atual	2019/ Austrália/ <i>Current Opinion in Psychology</i>	Apego e estilos de cuidado
Apego a Deus e Ansiedade de morte na velhice: a raça importa?	2018/ Singapura/ <i>Research on Aging</i>	Apego e religião
Oração, apego a Deus e mudanças no bem-estar psicológico na velhice	2017/Estados Unidos / <i>Journal of Aging and Health</i>	Apego e religião
Mudanças no amor compassivo de casais idosos ao longo de um ano: os papéis de gênero, saúde e apego seguro	2017/ Estados Unidos / <i>Journal of Social and Personal Relationships</i>	Apego e estilos de cuidado/ relacionamento conjugal
Desligamento como retirada do espaço público: Repensando a relação entre o apego ao local, local de apropriação e construção de identidade entre idosos	2017/ Alemanha/ <i>The Gerontologist</i>	Apego ao território e moradia
Apego entre idosos: questões atuais e direções para pesquisas futuras	2001/ Estados Unidos da América/ <i>Attachment & Human Development</i>	Padrões de apego infantil e as repercussões na velhice.
Preparado para cuidar: apego adulto e obrigação filial	2016 Estados Unidos da América/ <i>Aging & Mental Health</i>	Apego e estilos de cuidado

O tema padrão de apego infantil e as repercussões na velhice foi encontrado basicamente em todos os artigos levantados, podendo conter elementos da introdução ou discussão dos resultados trabalhados. A teoria do apego sustenta a importância dos primeiros vínculos afetivos, principalmente relacionado ao contexto materno, o sentimento de ser protegido, nutrido, acolhido e atendido em suas necessidades fornece à criança a segurança para o seu desenvolvimento físico e emocional.

De modo geral, segundo Magai et al. (2018), os idosos tendem a experimentar emoções negativas relacionadas à perda de autonomia, contudo, essas reações podem ser minimizadas pela qualidade dos relacionamentos sociais que contribui para o suporte emocional. Bradley e Cafferty (2001) defendem igualmente que os problemas relacionados ao apego podem repercutir nas situações de angústia relacionadas à etapa da velhice.

De acordo com Magai et al. (2018), as situações de abuso infantil contribuem para o estabelecimento de apegos inseguros. Dessa forma, esses indivíduos apresentam comportamentos direcionados às suas próprias necessidades, dificuldades para manter relacionamentos sociais. Para exemplificar, no apego evitativo, demonstram impossibilidade para compreender os outros, além de vulnerabilidades psicológicas.

Por outro lado, o apego seguro está correlacionado com o desejo de proteger e cuidar dos pais, associado aos sentimentos de menor obrigação e sensação de fardo emocional pela prática da assistência aos pais idosos (Bradley & Cafferty, 2001). É possível afirmar que, segundo os autores, o vínculo seguro promove empatia dos filhos para com os pais. Essa segurança e proteção é importante para o desenvolvimento e pode ser devolvida nas situações que exigem a presença constante dos filhos, como no contexto de doenças crônicas e perdas dos cônjuges.

Além disso, a pesquisa de Bradley e Cafferty (2001) revelou que o tipo de apego seguro está relacionado a uma maior expressão de emoções positivas, enquanto o tipo evitativo foi relacionado à expressão emocional negativa, pré-mórbida mais

alta, de desprezo, raiva e inibição. Esse mesmo modelo demonstrou níveis mais elevados de delírios paranoides, enquanto os indivíduos com tipo ambivalente apresentaram maior ansiedade.

Os idosos que apresentam estilo evitativo, conforme citado por Magai et al. (2018), primeiramente buscam manter a autossuficiência, justificando a dificuldades para demonstrar seus sentimentos e solicitar cuidados. Assim, segundo Bradley e Cafferty (2001), essa perda de autonomia é frequentemente acompanhada por um sentimento crescente de medo, vulnerabilidade e insegurança do idoso doente.

Outro fator relacionado às perdas na velhice é a morte do cônjuge, considerada altamente estressante, neste sentido, Bradley e Cafferty (2001) afirmam que os idosos que possuem histórico de apegos inseguros na infância podem apresentar reações patológicas (como luto complicado). Nesse estudo, os autores revelam que o apego seguro está relacionado a reações de luto mais positivas, vivência do sofrimento esperada para a situação, busca de conforto nos relacionamentos sociais externos.

Para além das situações que envolvem perdas, o apego seguro está correlacionado a sentimentos de bem-estar entre adultos mais velhos, possivelmente porque esses indivíduos experimentam facilidade para integração social, satisfação com a vida e saúde física do que indivíduos inseguros (Bradley & Cafferty, 2001; Karantzias et al., 2019).

O estilo de apego infantil afeta a velhice, principalmente quando estes indivíduos estão vivenciando situações de perdas como do emprego, cônjuge e na presença de doenças crônicas que diminuem a qualidade de vida, autonomia e sentimento de bem-estar. Além disso, segundo esta concepção, a pesquisa de Van Assche et al. (2020) afirmou que a ocorrência e a frequência de traumas na infância foi associada à presença de ansiedade e depressão na velhice.

O estudo dos autores avaliou idosos com média de 74 anos e revelou que tanto o tipo de apego ansioso quanto evitativo foram correlacionados aos transtornos de ansiedade e depressão. Os traumas infantis, segundo Van Assche et al. (2020), decorrem principalmente da negligência emocional.

Apego e Estilos de Cuidado

A revisão sistemática de literatura realizada por Karantzias et al. (2019) ilustra a importância de considerar a teoria do apego como um caminho na compreensão dos processos de cuidados. Neste sentido, a literatura nacional de Braz e Franco (2017) evidencia o comportamento de apego como uma base segura que podem influenciar fatores de proteção, como a prevenção do luto complicado, correspondendo às necessidades emocionais do familiar, como a escuta, acolhimento, validação dos sentimentos e pensamentos, bem como orientações em torno dos procedimentos do cuidado.

Ainda as autoras ressaltam os aspectos do apego inseguro, como fatores de risco, no que tange a indivíduos mais desorganizados, oscilando na confiança de terceiros e dificuldades na identificação e avaliação para o uso de estratégias resolutivas. De acordo com Paulson e Bassett (2016), o apego seguro contribui significativamente para a preparação dos filhos para os cuidados dos pais idosos no futuro.

Há uma necessidade na literatura que retrate a implantação de intervenções psicoeducativas e sociofamiliares, que atue diretamente na assistência ao estresse do cuidador e atenção aos processos de cuidado familiar nas fases posteriores da vida, em decorrência de um campo de pesquisa pouco explorado em relação à avaliação do apego familiar na vida adulta (Falcão et al., 2018).

A temática apego e estilos de cuidado inclui os relacionamentos conjugais justamente por compreender a importância do apoio afetivo e instrumental diante situações que necessitam cuidados como nas doenças crônicas. Neste contexto, o estudo de Sabey e Rauer (2017) investigou uma amostra de 64 casais idosos para compreender o curso do amor compassivo, ou seja, o sentimento focado no cuidado e na preocupação com o outro, de modo a identificar preditores de mudanças potenciais no período de um ano. Os resultados apontaram para uma diminuição do amor compassivo neste período, a presença do apego evitativo evidenciou uma menor percepção afetiva e de cuidado pelo cônjuge, e daqueles que tinham apego mais seguro, apresentou correlação positiva

nos cuidados com a saúde do cônjuge. Os resultados levantaram preocupações, segundo as autoras, o amor compassivo pode proteger cuidadores dos encargos frequentemente experimentados de cuidar de um cônjuge doente ou dependente (Sabey & Rauer, 2017). De acordo com Monin et al. (2014), quando um ou ambos os parceiros estavam apegados de forma insegura, relataram maiores sintomas depressivos e menor satisfação. Neste sentido, o apego seguro pode contribuir com o sentimento de proteção, principalmente em situações de adoecimento e dependência.

Uma pesquisa realizada por Li e Fung (2014), recrutou 56 casais para avaliar o estilo de apego e bem-estar subjetivo em relação ao cônjuge. Os resultados mostraram que o apego evitativo em relação ao cônjuge poderia ser prejudicial para homens e mulheres, segundo as autoras, mais tarde na idade adulta, visto que os homens podem se tornar mais dependentes do relacionamento conjugal para manter o bem-estar subjetivo, enquanto as mulheres podem ser relativamente mais independentes.

Neste sentido, Li e Fung (2014) apontam que o apego evitativo ao cônjuge afeta o bem-estar subjetivo de forma diferente, nos distintos estágios da vida adulta, e a trajetória de desenvolvimento do efeito é diferente para os dois gêneros. Esse estilo de apego afeta as mulheres mais no início da fase adulta, justamente porque buscam manter uma proximidade maior com seus parceiros, iniciar conversas e questões relacionadas à reprodução, dessa forma, manter comportamentos evitativos poderia dificultar seus relacionamentos afetivos e sexuais, enquanto para os homens poderia contribuir com a adaptação para ter mais companheiras e, assim, descendentes.

No entanto, na velhice, as mulheres tornam-se mais independentes em relação ao cônjuge, mantém vínculos com trabalhos sociais e, por conseguinte, apresentam maiores laços sociais, contribuem para a criação dos netos e se envolvem com atividade da casa, enquanto os homens tornam-se mais dependentes de suas parceiras, justamente devido às mudanças que ocorrem após a aposentadoria e perda do espaço social (Li & Fung, 2014). As questões culturais que atravessam os indivíduos na sociedade repercutem nos comportamentos de apego na velhice.

Apego e Prevenção de Saúde

Walsh et al. (2019) examinaram o papel que o apego pode vir a desempenhar na promoção cerebral e na reserva cognitiva na velhice, partindo da hipótese do apego precoce como um dos influenciadores do desenvolvimento de recursos afetivos, cognitivos e neurológicos que podem favorecer na proteção contra o declínio cognitivo e demência.

A introdução do conceito de “reserva afetiva”, proposta pelos mesmos autores, delinearam a importância dos mecanismos afetivos e das qualidades do suporte social, em suas interfaces com a epigenética, como aspectos de prevenção aos declínios cognitivos, que corroboram com Ramos (2015) onde aponta os mecanismos neurobiológicos da emoção e a interação com dinâmicas sociais, culturais e familiares.

Uma revisão conduzida por Cipolli e Falcão (2017) indicaram que a qualidade das relações sociais pode ser considerada um suporte importante em relação à doença de Alzheimer e de declínio cognitivo, bem como a prevenção da vulnerabilidade social. Os fatores de proteção cognitivo e social estão vinculados a satisfação de vida, a redução de solidão e ter alguém para conversar, como apontam Gow et al. (2007).

No que tange os aspectos afetivos e emocionais, Menec (2003) examinou a relação entre as atividades diárias e os indicadores de envelhecimento bem-sucedido, bem-estar, funcionalidade e mortalidade. Esse estudo, do tipo longitudinal com 2291 idosos (entre 67 e 95 anos) que demonstrou que as atividades sociais e produtivas estão relacionadas positivamente à felicidade, à maior preservação da funcionalidade física e cognitiva e também à redução da mortalidade.

Os autores Walsh et al. (2019) acrescentam que caso os futuros estudos confirmem essa hipótese, poderá ser útil na busca pela identificação precoce de indivíduos em risco de desenvolver demência e em sugerir novos caminhos para intervenções, bem como explorar moderadores de redução de danos no impacto da saúde do idoso, em relação à satisfação de vida, como recomendam Liu et al. (2020)

através de serviços personalizados, principalmente para mulheres, com enfoque no aconselhamento psicológico e atendimento humanizado.

Apego Relacionado ao Território de Moradia

O apego relacionado ao território de moradia, através das pesquisas que foram realizadas, é possível perceber que o local onde se reside vai ganhando um apego mais profundo ao longo do tempo, sobretudo em adultos mais velhos.

Sobre o território, Wanka (2018) traz questões pertinentes ao tocante a região de moradia e como os adultos mais velhos vão perceber este local. Para isso, realizou uma pesquisa empírica, sendo que parte desta foi observacional e parte uma entrevista com os frequentadores dos locais do território para falar sobre o apego ao local de residência.

No estudo, o autor utiliza um modelo de ajuste pessoa-ambiente (*person-environment* [PE]). Desenvolvido por Wahl e Oswald (2010), o PE vai descrever a relação existente entre pertencer ao local, buscando uma identidade deste lugar, autonomia e bem-estar, enquadrando esse processo do envelhecer moldado através da interação com o meio em que a pessoa vive, com uma perspectiva de pertencimento ao longo da vida.

Considerando a importância do território e da construção que a pessoa faz ao longo da vida, principalmente que esse apego perpassa pelos espaços públicos frequentados pelos adultos mais velhos, sendo praças, parques ou até mesmo os pontos de encontro do local de moradia, o autor faz referência à consequência que pode acontecer ao retirar o público idoso desses espaços públicos.

De acordo com Wanka (2018), a maior parte da gerontologia, bem como da sociologia pressupõe que existe uma relação positiva entre o apego e ao lugar e quanto o pertencimento ao local vai trazer benefícios e qualidade de vida.

Cheng et al. (2020), artigo mais recente encontrado sobre apego ao território, os autores desenvolveram um estudo piloto para validar a escala de apego de Lugar para Idosos Residentes em Habitação Comunitária (PACOA). O instrumento contém 19 itens que incluiu cinco fatores, são eles:

significados da vida, dependência, sentimento “no lugar”, continuidade e inclusão social. Os autores retratam sobre o apego ao lugar de moradia, como referências às conexões emocionais que são desenvolvidas pelas pessoas e seus ambientes de convivência.

Este estudo investigou sobre as interações entre os idosos e seus ambientes cotidianos, buscando conhecê-los através de intervenções do PACOA (que não havia sido aplicado nesse contexto) e ainda perceber como é envelhecer no território, as relações presentes e os serviços que frequentam. Os autores concluem informando que em um futuro a escala poderá ser utilizada como indicador para envelhecimento no local de residência.

Apego e Religião

Sobre o tema apego e religião foi possível perceber em dois artigos encontrados durante a pesquisa que trouxeram o “apego seguro a Deus”, quando fala das questões da oração. Os autores identificaram que os efeitos trazidos pela oração tem fator importante no relacionamento que essa pessoa percebe ou sente a Deus.

Bradshaw e Kent (2017) realizaram uma revisão de literatura e para isso a pesquisa foi concluída usando duas ondas de dados, pois, em um primeiro momento, foram entrevistados 1500 participantes. Posteriormente, ao retornar, houve alteração no sentido da quantidade destes, sendo que alguns não estavam mais vivos, outros simplesmente não se sentiram à vontade para participar da segunda onda e outros não foram encontrados, deixando a segunda onda com um total de 1024 participantes, que foram entrevistados, sobre religião, envelhecimento e saúde. Em seguida, realizaram comparações sobre oração e apego a Deus no bem-estar psicológico (*PWB* – sigla em inglês), autoestima, otimismo e satisfação com a vida, sendo que foram realizadas entre os períodos de 2001 a 2004, usando uma amostra de pessoas adultas norte americanas com 65 anos ou mais.

Acerca da relação entre a oração e saúde mental, ainda segundo os autores, “o apego seguro a Deus”, em alguns estudos, relataram efeitos

positivos, entretanto outros encontraram efeitos nulos, sendo que as religiões foram as seguintes características: 18,9% católicos, 73,2% protestantes, 5% outros cristãos e 2,9% sem filiação religiosa.

Em alguns estudos, eles encontraram as respostas de que a oração pode, inclusive, ser terapêutica, surtindo assim um efeito positivo na saúde mental do indivíduo, até mesmo pensando em para qual Deus se está orando. Dependendo da religião ou da localidade, alguns vão perceber um Deus mais amoroso, enquanto outros um Deus exigente, sendo que essas descobertas um tanto divergentes sugeriram a necessidade de uma outra dimensão para analisar os estudos.

Segundo Bradshaw e Kent (2017), para analisar a relação entre a oração, as interações com o divino e a saúde mental, seria necessário usar a teoria do apego, fator que eles consideram de extrema importância para entender esse contexto. Os autores relataram que um apego seguro a Deus está relacionado a níveis mais altos de satisfação com a vida. Por outro lado, o apego inseguro (evitativo ou ansioso) está ligado ao sofrimento. Por fim, os autores concluíram que os efeitos da oração na PWB dependem do apego a Deus.

Já no artigo mais recente encontrado de Jung (2018), este autor cita o artigo anterior para referenciar sobre o apego seguro a Deus. Entretanto, com o enfoque em perceber em como ansiedade de morte entre os adultos mais velhos, trazem que as pessoas vão se tornando mais religiosas à medida que envelhecem, buscando assim um apego seguro a Deus. No decorrer desse processo, as pessoas podem se tornar mais religiosas e acreditar em Deus como uma figura de apego seguro, o qual vai ajudar o idoso a rever sua história de vida, podendo assim reduzir a ansiedade de morte.

Para Jung (2018), as pesquisas foram realizadas pensando em perceber inclusive sobre as questões de “raça”, quando se tratava de adultos mais velhos acima de 65 anos de cor branco ou negros, foi percebido que os negros possuíam um apego seguro a Deus mais evidentes em comparativo com adultos brancos. No total, já contando as exclusões, este estudo contou com 1.021 participantes; a amostra foi dividida quase igualmente entre adultos mais velhos, brancos e negros. O artigo informa que quase 64% dos entrevistados eram mulheres, 53,2% eram

casados e 73,8% eram protestantes. O entrevistado médio tinha aproximadamente 11,6 anos de educação formal e um nível relativamente baixo de condição financeira.

Quando se compara o apego seguro a Deus, Jung (2018) informa que é uma fonte de proteção, pois, quando o indivíduo se aproxima da religião, tende a se sentir seguro e confiante de que terá um lugar melhor após sua morte; aponta também para sentimento de proteção em relação à eternidade, devido à figura de Deus.

Ainda segundo o autor, este estudo apresentou contribuições para a literatura, ao realizar a conexão entre religião e ansiedade de morte, pois o apego seguro a Deus está associado a um declínio na ansiedade de morte ao longo do tempo entre adultos mais velhos.

Considerações Finais

O objetivo principal deste estudo foi retratar acerca da teoria do apego na velhice, considerando a importância dos vínculos afetivos e sociais para o desenvolvimento desta população. Os estudos demonstraram a importância do estilo de apego seguro como fator de cuidado psicológico, principalmente em relação às perdas ao longo do desenvolvimento das etapas da vida, correlacionado positivamente com aspectos acerca da qualidade de vida, recursos afetivos, espirituais e sentimentos de bem-estar que podem favorecer na proteção de declínios cognitivos. Indicam ainda a relevância de considerar os fatores culturais que decorrem das dimensões de apegos não seguros, como os evitativos e ambivalentes, tanto com a população idosa, quanto com os cuidadores e familiares, atentando como uma estrutura importante para a preservação da saúde mental, prevenção ao estresse do cuidador e cuidado com traumas da infância.

Considera-se que esse é o primeiro estudo na literatura nacional, utilizando o método de revisão integrativa com a presente temática. As limitações no estudo caracterizam-se pela ausência de produções no âmbito nacional em relação a esse tópico e a escassez no cenário internacional, dado que as principais publicações estão no período entre os anos 2017 a 2020 e um único estudo do ano 2001.

Os pesquisadores Bradley e Cafferty (2001) sugerem pesquisas longitudinais para compreender

a influência dos estilos do apego na etapa da velhice. Os autores apontaram para a necessidade de compreender o apego em um estágio inicial da doença ou antes do seu aparecimento, evitando as limitações impostas aos respondentes pelos déficits cognitivos nos casos de demência ou outras doenças mais graves. Os autores identificaram uma questão crucial para estudos futuros, determinar até que ponto a dependência se torna uma resposta adaptativa entre os idosos. O questionamento é pertinente, justamente por considerar algum grau de dependência esperado para a condição da velhice, principalmente para os que apresentem doenças crônicas e incapacitantes.

A introdução de um conceito como a “reserva afetiva” e as hipóteses levantadas por Walsh et al. (2019), em relação ao apego e aos recursos afetivos, como aspectos preventivos na identificação de declínios cognitivos, possibilitam a abertura de nortear futuros estudos que confirmem essa hipótese e promover novos caminhos para intervenções e manejos socioemocionais.

A teoria do apego na velhice necessita de estudos experimentais, longitudinais, para uma melhor compreensão da influência dos primeiros vínculos para o curso da vida, principalmente relacionado à velhice. A população está mundialmente envelhecendo, as pesquisas contribuem para pensar e construir políticas públicas intervenções que permitam uma qualidade de vida, sentimentos de bem-estar, acessos a essa importante população.

Contribuição

pesquisadores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Bee, H. (2011). *A Criança em Desenvolvimento* (12ª ed., C. Monteiro, trad.). Artmed.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações*

clínicas da teoria do apego. (S. M. de Barros, trad.). Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1988).

- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: a natureza do vínculo* (2a ed., Vol. 1, A. Cabral, trad.). Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1969).
- Bowlby, J. (2001). *Formação e rompimentos dos laços afetivos* (3a ed., A. Cabral, trad.). Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1979).
- Bradley, M. J., & Cafferty, T. P. (2001). Attachment among older adults: Current issues and directions for future research. *Attachment & human development, 3*(2), 200-221. DOI: 10.1080/14616730126485
- Bradshaw, M., & Kent, B. V. (2017). Prayer, attachment to God, and changes in psychological well-being in later life. *Journal of aging and health, 30*(5), 667-691. DOI: 10.1177/0898264316688116
- Braz, M. S., & Franco, M. H. P. (2017). Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. *Psicologia: Ciência e Profissão, 37*(1), 90-105. DOI: 10.1590/1982-3703001702016
- Cheng, S. P., Tsai, T. I., & Chen, I. J. (2020, 28 fevereiro). Development and Psychometric Evaluation of the Place Attachment for Community-Dwelling Older Adults Scale. *Journal of Applied Gerontology, Publicação eletrônica antecipada*. DOI: 10.1177/0733464820907781
- Cipolli, G. C., & Falcão, D. V. da S. (2017). Relações sociais, cognição na doença de Alzheimer: revisão sistemática. *Psico, 48*(4), 329-338. DOI: 10.15448/1980-8623.2017.4.26150
- Falcão, D., Braz, M., Garcia, C., Santos, G. dos, Yassuda, M., Cachioni, M., Nunes, P., & Forlenza, O. (2018). Atenção psicogerontológica aos cuidadores familiares de idosos com doença de Alzheimer. *Psicologia, Saúde & Doenças, 19*(2), 377-389. DOI: 10.15309/18psd190217
- Gow, A. J., Pattie, A., Whiteman, M. C., Whalley, L. J., & Deary, I. J. (2007). Social support and successful aging: Investigating the relationships between lifetime cognitive change and life satisfaction. *Journal of Individual Differences, 28*(3), 103-115. DOI: 10.1027/1614-0001.28.3.103

- Jung, J. H. (2018). Attachment to God and death anxiety in later life: does race matter? *Research on Aging, 40*(10), 956-977. DOI: 10.1177/0164027518805190
- Karantzas, G. C., Romano, D., & Lee, J. (2019). Attachment and aged care: a systematic review of current research. *Current Opinion in Psychology, 25*, 37-46. DOI: 10.1016/j.copsyc.2018.02.016
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5a ed.). Atlas.
- Li, T., & Fung, H. H. (2014). How avoidant attachment influences subjective well-being: An investigation about the age and gender differences. *Aging & Mental Health, 18*(1), 4-10. DOI: 10.1080/13607863.2013.775639
- Liu, J., Wei, W., Peng, Q., & Xue, C. (2020). Perceived health and life satisfaction of elderly people: Testing the moderating effects of social support, attitudes toward aging, and senior privilege. *Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology, 33*(3), 144-154. DOI: 10.1177/0891988719866926
- Magai, C., Frias, T., & Shaver, P. (2018). Attachment in middle and later life. In J. Cassidy & P. R. Shaver. (Eds.), *Handbook of Attachment: theory, research, and clinical applications* (3rd ed., pp. 534-552). The Guilford Press.
- Main, M., & Hesse, E. (1990). Parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In M. Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (Orgs.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention* (pp. 161-182). University Press.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto: Enfermagem, 17*(4), 758-764. DOI: 10.1590/S0104-07072008000400018
- Menec, V. H. (2003). The Relation Between Everyday Activities and Successful Aging: A 6-Year Longitudinal Study. *The Journals of Gerontology: Series B, 58*(2), S74-S82. DOI: 10.1093/geronb/58.2.S74
- Monin, J. K., Zhou, L., & Kershaw, T. (2014). Attachment and Psychological Health in Older Couples Coping with Pain. *GeroPsych, 27*(3), 115-127. DOI: 10.1024/1662-9647/a000110
- Paulson, D., & Bassett, R. (2016). Prepared to care: adult attachment and filial obligation. *Aging & Mental Health, 20*(11), 1221-1228. DOI: 10.1080/13607863.2015.1072800
- Ramos, R. T. (2015). Neurobiologia das emoções. *Revista de Medicina, 94*(4), 239-245. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v94i4p239-245
- Sabey, A. K., & Rauer, A. J. (2017). Changes in older couples' compassionate love over a year: The roles of gender, health, and attachment avoidance. *Journal of Social and Personal Relationships, 35*(8), 1139-1158. DOI: 10.1177/0265407517705491
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein, 8*(1), 102-106. DOI: https://doi: 10.1590/s1679-45082010rw1134
- Van Assche L., Van de Ven L., Vandenbulcke M., & Luyten P. (2020). Ghosts from the past? The association between childhood interpersonal trauma, attachment and anxiety and depression in late life. *Aging & mental health, 24*(6), 898-905. DOI: 10.1080/13607863.2019.1571017
- Wahl, H. W., & Oswald, F. (2010). Environmental perspectives on ageing. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.), *The SAGE Handbook of Social Gerontology* (pp. 111-124). SAGE Publications. Recuperado de http://sk.sagepub.com/reference/hdbk_socialgerontology. DOI: 10.4135/9781446200933
- Walsh, E., Blake, Y., Donati, A., Stoop, R., & Von Gunten A. (2019). Early secure attachment as a protective factor against later cognitive decline and dementia. *Frontiers in Aging Neuroscience, 11*, 161. DOI: 10.3389/fnagi.2019.00161
- Wanka, A. (2018). Disengagement as withdrawal from public space: Rethinking the relation between place attachment, place appropriation, and identity-building among older adults. *The Gerontologist, 58*(1), 130-139. DOI: 10.1093/geront/gnx081